

Entrevista com Dom João Justino de Medeiros Silva concedida ao Laboratório de Extensão Práticas, Pesquisas e Publicações Acadêmicas e Internacionalização – LEPPPAI

Entrevistado: Dom João Justino de Medeiros Silva - Arcebispo de Goiânia e Grão-Chanceler da PUC Goiás e 1º Vice-Presidente da CNBB

Entrevista concedida ao Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito: Editor gerente da Revista Conecte-se da PROEX - PUC Minas, Coordenador do Laboratório de Extensão Práticas, Pesquisas e Publicações Acadêmicas e Internacionalização –LEPPPAI – Professor Adjunto II do Departamento/Curso de Filosofia da PUC Minas, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa

Como o Senhor entende o ato de educar jovens universitários em um contexto de incertezas e desafios globais, sem muita esperança? O que isso representa como um desafio ético para a vida deles?

Realmente, este primeiro quarto do século XXI foi prenhe de desafios globais. Os últimos decênios da história estão marcados por um movimento crescente de globalização. Há um aumento exponencial da interdependência das nações que supera em muito a questão econômica, pois inclui o saber científico em todas as áreas do conhecimento. Um exemplo pode ser dado ao se recordar do que significou a pandemia da COVID 19. A “globalização do coronavírus” exigiu, por sua vez, a globalização de iniciativas comuns para vencer o inimigo que ceifou aproximadamente 15 milhões de pessoas no mundo, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). Outro dado é o fato de que os principais acontecimentos do mundo inteiro podem ser acompanhados por enorme parcela da população mundial pelos meios de comunicação, especialmente as redes sociais. Estas têm grande responsabilidade para levar notícias e, até mesmo, *fake news*, para a maioria dos cantos do mundo. As desigualdades sociais e seu espectro de fome, falta de assistência sanitária, de educação, de trabalho e de moradia são desafios globais que somados às guerras, à praga da corrupção, a novas formas de escravidão e do desprezo pela vida humana, infelizmente geram incertezas e desesperança. Diante desse quadro com tons desanimadores, o ato de educar jovens universitários há de nutrir-se de esperança. Aliás, o mais simples gesto educativo está

ancorado na esperança. Educa-se não para o desespero, para o aniquilamento ou para a morte, mas antes para a vida que pulsa e pede cuidado. Um jovem que inicia um percurso de formação universitária traz em si mesmo uma reserva de esperança. Os educadores hão de ter a sensibilidade de quem sabe acompanhar as pessoas em processo de amadurecimento para favorecer a expressão dessas esperanças e seu influxo nos investimentos acadêmicos. Essa reserva de esperança, que há de ser identificada, está conjugada com a reserva ética. Ambas as reservas são uma riqueza no coração de cada jovem. Não obstante as incertezas e os desafios, há uma potencialidade a ser valorizada na descoberta e construção de caminhos exitosos em favor de um mundo melhor.

Quais experiências inovadoras o Senhor poderia compartilhar no campo da educação, que sirvam como exemplos de como educar com Esperança e a possibilidade de transformação profunda do ser humano, especialmente considerando um enunciado que o Papa Francisco escreveu: “a Esperança não engana”?

Nesse caso, a pergunta traz a resposta embutida. Trata-se de oportunizar aos jovens universitários “experiências significativas” de contato com realidades pouco conhecidas por eles. Não basta uma formação centrada no conteúdo. É lógico que o conteúdo tem sua fundamental importância que jamais pode ser negligenciada. Mas devem-se criar espaços privilegiados de “encontro” com o “humano”. Emerge aqui o desafio metodológico. Arrisco um exemplo. No campo das ciências médicas, necessita-se de uma boa fundamentação teórica, sim, mas é também fundamental proporcionar a escuta dos sintomas do paciente de modo integral. A enfermidade quase sempre está associada a condições sociais, a qualidade das relações interpessoais, ao trabalho, ao sentido que a pessoa busca e dá à sua vida, incluindo a dinâmica espiritual e religiosa. Compreendo, portanto, a necessidade de uma abordagem mais integrada, capaz de ver não apenas a doença, mas a pessoa doente. Essa perspectiva pode ser adaptada para todos os saberes oferecidos no mundo universitário. Diante da percepção da complexidade do universo pessoal, cuja sede de viver se manifesta na busca de soluções ou, lamentavelmente, desenvolve-se o desânimo e o fracasso, emerge a responsabilidade ética de agir movido pela “esperança que não decepciona”.

Qual mensagem o Senhor deixa para os/as educadores/as do Ensino Superior, singularmente no que refere à importância de cada pessoa descobrir sua vocação? E como o processo de formação humanística nas universidades pode contribuir para a criação de profissionais comprometidos com a vida em sua plenitude?

A entrada numa universidade já é assinalada por uma escolha, pelo menos inicial, de uma futura profissão. Em termos vocacionais, a profissão não abrange toda a rica experiência da vida. Outras escolhas são feitas, muitas vezes, nesse mesmo tempo da formação universitária. Um apelo que sempre se faz presente é o próprio estado de vida. Isto é, optar pelo casamento? Constituir uma família? Ou não? O Papa Francisco escreveu, recentemente: “A vocação é um dom precioso que Deus semeia nos corações, um chamado a sair de si mesmo para trilhar um caminho de amor e serviço”. Um atento acompanhamento dos estudantes poderá inspirar respostas vocacionais alicerçadas em valores humanísticos e evangélicos. Oxalá não apenas as IES confessionais se preocupem com uma formação profissional comprometida eticamente com a promoção da vida e da dignidade da pessoa humana, mas todas as outras IES façam o mesmo. É importante destacar ainda o papel do professor universitário, pois este exerce um papel fundamental no acompanhamento dos estudantes, não apenas na transmissão de conhecimentos técnicos, mas sobretudo como orientador na descoberta do sentido mais profundo da vocação pessoal. Sua missão vai além de preparar profissionais para o mercado: trata-se de ajudar cada aluno a compreender sua carreira como expressão de um compromisso com a transformação do mundo. Nesse processo, o professor contribui para que a realização pessoal não seja vista de forma individualista, mas como uma resposta responsável e solidária às necessidades da sociedade.

Como garantir que, no âmbito da comunidade universitária a ecologia integral seja uma mola propulsora?

Em primeiro lugar, é necessário que a direção da IES esteja convencida da importância da ecologia integral. Digo isso porque uma série de iniciativas e de processos deverão estar bem delineados no projeto pedagógico institucional (PPI), documento no qual a IES define suas políticas pedagógicas de ensino, pesquisa e extensão. Então, gestores, professores e servidores, afinados entre si acerca dos objetivos e das estratégias, precisarão sustentar coerentemente o cuidado pela Casa Comum em todos os seus

desdobramentos internos e abrir perspectivas que transbordem a comunidade universitária.

Quais estratégias podem ser adotadas para fortalecer a conexão entre universidade e sociedade, garantindo que a extensão universitária cumpra seu papel na formação crítica e cidadã dos estudantes?

Com certeza muitas estratégias poderiam ser apresentadas. Quero concentrar-me em perspectivas que deveriam se desdobrar em estratégias. Falo de três perspectivas ou olhares. A primeira delas eu chamaria de atenção para o chão em que pisamos. É um modo de trazer o tema da realidade local com sua importante influência sobre a vida da comunidade universitária. A conexão universidade-sociedade não pode prescindir do conhecimento da realidade do entorno da IES, e não apenas, mas de todo o seu alcance. Uma IES no coração da Amazônia poderá ter o mesmo projeto de uma IES no ABC Paulista? A segunda perspectiva é a atenção para com o alunado e, de modo correlato, para com os funcionários ou servidores. Quais as principais características dos universitários que se associam, pelo do ato de matricular-se, a essa IES? Não se pode restringir esse olhar à análise do mercado, como que a reduzir a educação a uma mercadoria. Trata-se de inquirir sobre as principais questões existenciais trazidas pelos estudantes. Retomo aqui o que disse antes acerca da reserva de esperança e reserva ética. Nas instituições confessionais, costuma-se atribuir essa leitura à pastoral. Está correto. Mas gestores e professores não podem desconhecer tais questões, pois os estudantes não são *tabula rasa* aguardando um saber genérico que desconheça suas aspirações, angústias e esperanças. A terceira perspectiva é a atenção para projetos exequíveis de interação com a comunidade local a partir de suas demandas sociais. É preciso ler a realidade para intuir proposições de parceria na construção de soluções. Há uma dívida social de cada IES que há de ser paga pela incidência no plano social, qual expressão do compromisso de melhorar os índices de qualidade de vida. Essas perspectivas não de se desdobrar em estratégias gerais da IES nas expressões do ensino, da pesquisa e da extensão.

Quais são os desafios que as Universidades Católicas enfrentam no século XXI para ser sinal de esperança?

Permita-me trazer aqui uma palavra do Papa Francisco na Bula *Spes non confundit*. Ele diz assim no parágrafo 12: “E de sinais de esperança também têm necessidade aqueles que, em si mesmos, a representam: os *jovens*. Muitas vezes, infelizmente, veem desmoronarem-se os seus sonhos. Não podemos decepcioná-los: o futuro funda-se no seu entusiasmo. Como é belo vê-los irradiar energia, por exemplo, quando voluntariamente arregaçam as mangas e se comprometem nas situações de calamidade e mal-estar social! Já é triste ver jovens sem esperança; se bem que se torna inevitável viver o presente na melancolia e no tédio quando o futuro é incerto e impermeável aos sonhos, o estudo não oferece saídas, e a falta de emprego ou dum trabalho suficientemente estável corre o risco de suprimir os desejos. A ilusão das drogas, o risco da transgressão e a busca do efêmero criam nos jovens, mais do que nos outros, confusão e escondem-lhes a beleza e o sentido da vida, fazendo-os escorregar para abismos escuros e impelindo-os a gestos autodestrutivos”. Com realismo e de modo sintético, o Papa Francisco nos aponta traços da juventude atual. Ora, são esses os jovens que estão nas universidades católicas. A pergunta nos indica uma responsabilidade pontual: temos de ser, pela fé que professamos e pela aposta da instituição na educação universitária, sinal de esperança para os estudantes. E é mais fácil falar dos desafios do que individuar ações que poderão ter o efeito de boas sementes. Mas é esta uma das tarefas da educação católica: ser portadora de um anúncio, por gestos e palavras, que suscite e sustente o gosto pela vida, o amor solidário, o empenho por um mundo justo e a esperança em quem jamais decepciona: o Deus de Jesus Cristo.

Como o diálogo entre ciência, cultura e fé pode resultar em práticas extensionistas que gerem desenvolvimento e justiça social para as comunidades?

O pressuposto é que o diálogo entre ciência, cultura e fé é possível, necessário e sempre pertinente. O diálogo há de gerar percepções importantes para identificar como os parceiros nas práticas extensionistas poderão compartilhar seus saberes e alargar as ondas de escuta para a identificação das principais demandas. As práticas extensionistas não podem ser entendidas como se a instituição universitária fosse a única a oferecer de seus conhecimentos e práticas em favor da comunidade. Todo verdadeiro encontro pode trazer aprendizados para ambas as partes. Toda prática de extensão é, também, aprendizado para os estudantes, monitores e professores. Desculpe-me dizer isso, mas é

preciso evitar qualquer atitude arrogante de quem vai para ações de extensão frente à comunidade que acolhe a atividade. O bom planejamento que resulta do diálogo pode dar frutos expressivos de desenvolvimento e justiça social. E não se deixe de lado a avaliação, também entendida como diálogo que corrige rotas e abre novos caminhos.